

## **PROJETANDO A RECEPÇÃO CLÁSSICA EM SALA DE AULA: UM EXPERIMENTO DE ENSINO EM UMA UNIVERSIDADE FRANCESA**

Airton Pollini<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este artigo comenta um projeto pedagógico conduzido com estudantes do segundo ano de graduação em História. O projeto tinha como objetivo desenvolver a percepção dos alunos com relação aos diferentes usos da Antiguidade clássica em criações contemporâneas, especialmente filmes e séries de televisão (*Troy*, *Troy the fall of a city*, *Cleopatra*, *Astérix et Obélix...*). Os estudos sobre Recepção são uma preocupação em grande desenvolvimento e, utilizando uma abordagem inspirada pelo conceito de interculturalidade, tentamos conscientizar os alunos sobre diversas questões contemporâneas e como a Antiguidade clássica pode ser reinterpretada, adotada e adaptada.

### **Palavras-chave**

Recepção dos clássicos; interculturalidade; filmes; séries de TV; *Tróia*; *Cleópatra*.

---

<sup>1</sup> Professor Doutor – Université de Haute-Alsace, Mulhouse, França. E-mail: [airton.pollini@uha.fr](mailto:airton.pollini@uha.fr).

*Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 - 2021.1. p. 210-227.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13791

### **Abstract**

This paper comments on a pedagogical project carried out with second-year undergraduate history students, designed to raise awareness of the different uses of classics in contemporary creations, especially films and TV series (*Troy: Fall of a City*, *Cleopatra*, *Astérix et Obélix...*). Classics reception is a growing concern and, using an approach inspired by the concept of interculturality, we highlighted multiple contemporary issues in these works and pointed out the ways in which classical Antiquity can be reinterpreted, adopted and adapted.

### **Keywords**

Classics reception; interculturality; films; TV series; *Troy*; *Cleopatra*.

## Um projeto pedagógico intercultural

Este artigo comenta um experimento de ensino que se estendeu por dois anos acadêmicos (2019-2020 e 2020-2021), envolvendo graduandos do segundo ano de História na Universidade de Haute-Alsace, em Mulhouse, na França. No primeiro ano, a atividade foi elaborada como um complemento a dois tópicos tradicionais em história romana e historiografia. No Segundo ano, toda a disciplina “Antiguidade-Modernidade” (*Antiquité-modernité* em francês) foi dedicada a esse projeto, com um volume total de 12 horas de aula, requerendo participação ativa dos alunos.<sup>2</sup>

O projeto foi concebido com dois objetivos centrais em mente: em primeiro lugar, reforçar o conhecimento dos estudantes sobre a Antiguidade em seu segundo ano de estudos universitários; em segundo lugar, refletir sobre a integração da categoria “Outro” na herança cultural europeia (*cf.* Said, 1978), presumidamente construída sobre a base da tradição clássica. Criações audiovisuais contemporâneas, entre outras, estão sujeitas a debates sobre a atualização da literatura greco-latina e da história antiga, elaboradas para tornarem-se metáforas de questões atuais. De fato, novas criações audiovisuais sugerem comparações interculturais entre os antigos gregos e romanos e nossa sociedade, e refletem uma constante e renovada apropriação da Antiguidade. Sob tal perspectiva, buscamos transformar os estudantes em atores de um esforço crítico duplo, que consistiu em decifrar a linguagem audiovisual contemporânea e utilizar os conceitos e temas da interculturalidade (White, 2018).

Assim, dentro de tal enquadramento, nosso objetivo consistiu em “tirar o pó” dos estudos em Antiguidade a partir de um ponto de vista contemporâneo sobre as sociedades do passado, ecoando a famosa frase do filósofo e historiador napolitano Benedetto Croce (2011 [1941]: 14) “*Ogni vera storia è storia contemporanea*” (“Toda história é história contemporânea”). Um segundo aspecto do projeto diz respeito às questões da recepção e da recriação clássicas. A expressão italiana diz “*traduttore, traditore*” (literalmente, “tradutor, traidor”, com o sentido de que traduzir é também trair). De fato, qualquer tradução de texto de uma língua para

---

<sup>2</sup> Ambos experimentos de ensino foram possibilitados graças a dois projetos pedagógicos, *Péplum : la médiatisation interculturelle de l'Antiquité à l'écran* (2019-2020) e *Du texte à l'écran : autour des sources et des réalisations contemporaines* (2020-2021), conduzidos com Maria Teresa Schettino e Céline Urlacher-Becht, e receberam apoio financeiro da Agência Nacional de Pesquisa Francesa e seu programa *Investissements d'avenir* (Investimentos no Futuro) (ANR-11-IDFI-0005, *NovaTris - Centre de compétences transfrontalières*, Université de Haute-Alsace, Mulhouse, France).

outra e, ainda mais fortemente, de uma cultura para outra, é uma tarefa perigosa, cheia de armadilhas. Na tradução de um texto antigo, o dilema entre “literalidade” e “literariedade” é colocado com acuidade ainda maior: os termos devem ser traduzidos de maneira filológica para que o texto alvo seja o mais fiel possível ao vocabulário original? Deve-se traduzir o texto de maneira que se torne legível para a audiência contemporânea? Ou deve-se traduzir a ideia, a suposta intenção do autor e, mais especificamente, o impacto do texto original em seu público passado? Em resumo, deve-se apresentar a percepção do texto em vez de suas palavras exatas? Tal exercício envolve muitos riscos de interpretações excessivas e anacronismos. Navegar entre esses dois polos antípodas é uma prática particularmente difícil.

Portanto, as criações audiovisuais contemporâneas aqui discutidas constituem uma tradução dupla: não apenas a própria tradução de textos da Antiguidade, mas também, e principalmente, a transformação, adaptação e atualização de um conto ou história específica (uma batalha, uma figura histórica...). É parte do senso comum que uma obra de arte audiovisual deve atrair audiências contemporâneas, mesmo correndo o risco de induzir a anacronismos neste processo.

Assim sendo, nosso projeto utiliza a perspectiva da interculturalidade, em particular para distinguir-nos dos gregos e romanos antigos. A sociedade europeia moderna, cada vez mais multicultural e multirracial, desafia os presumidos valores da identificação contemporânea com a herança clássica. Vivemos em um período de questionamento, à luz de mudanças sociais e culturais recentes, e da renovação constante do diálogo entre questões do presente e tradições antigas. Em tal contexto, nosso projeto convidou estudantes a decodificar linguagens audiovisuais (revisitando a Antiguidade passada), utilizando o conceito da interculturalidade.

Apesar de tal abordagem ainda não possuir muita popularidade entre historiadores acadêmicos, o conceito de interculturalidade tem potencial para contribuir de maneira muito valiosa, assim como tem sido demonstrado por sua influência em campos como a sociologia, comunicação, psicologia, administração e ciências da educação (Dervin, 2017; Smolcic; Arends, 2017). Esta abordagem também pode ser percebida enquanto instrumento de um projeto político. Em um momento no qual a globalização alimenta discursos comunitários ou xenofóbicos, a interculturalidade é sobretudo uma ferramenta para o diálogo entre indivíduos de diferentes bagagens culturais, para aprimorar as diversas culturas sem colocá-las sob uma hierarquia e para remover toda determinação étnica ou religiosa. Em um sentido altamente

contemporâneo, essa noção enfatiza as relações multifacetadas entre culturas, mas do ponto de vista dos indivíduos – não de maneira monolítica para toda uma comunidade. Deste modo, o termo “intercultural” evoca primariamente um diálogo entre culturas para o aprimoramento mútuo (Unesco: <https://fr.unesco.org/interculturaldialogue/>). Ademais, ele também se refere à herança cultural perceptível nas práticas individuais e grupais.

Para além de tais definições vagas, é fundamental especificar o que realmente podemos extrair da abordagem. Em primeiro lugar, ela nos permite ir além da visão tradicional e essencialista de cultura, amplamente inspirada pela antropologia de F. Boas. Empréstado a definição proposta por M. Rautenberg (2008: 36):

La culture, nous la comprendrons comme le résultat de la mise en œuvre par les acteurs sociaux des logiques de distinction et d'excellence, de l'expression des identités collectives, de la production et des échanges commerciaux et des pratiques et des représentations sociales qui pourront être reconnues, ou non, comme relevant du domaine de l'art.

Esta definição precisa ser adaptada para que possa ser operante em contextos da Antiguidade; todavia, possui a vantagem de salientar o caráter dinâmico e polimórfico da “cultura”, entendida como um processo em constante evolução, uma construção plural, desenvolvida em diversos níveis, e que se adapta de acordo com o grupo que a usa (*cf.* Bauman; Raud, 2015. Ver críticas em Benessaieh, 2010).

Ademais, a interculturalidade não requer contato físico e pode ser utilizada para além de categorias ligadas às identidades étnicas. De acordo com A. Hammouche (2008: 5),

l'interculturalité est un processus généré par la relation aux autres: cette relation est tout à la fois pratique et symbolique et concerne aussi bien les situations de contact physique que des rapports à distance et des représentations. L'attention, positive ou négative, que cela génère est, à bien des égards, un des fondements anthropologiques des processus de différenciation entre groupes se distinguant culturellement.

Aplicado às ciências sociais, o conceito nos permite analisar as escolhas pessoais de indivíduos que se deslocam entre duas ou mais culturas. Neste sentido, P. Blanquart (1986: 48) enfatiza a correspondência entre esta abordagem e a crise geral na definição das identidades coletivas e a emergência de um novo tipo de indivíduo, que não necessariamente segue o comportamento esperado para sua comunidade. Por outro lado, o estudo dos Clássicos tem sido reconhecido, há pouco tempo, como um meio de

emancipar certos indivíduos de suas condições sociais e experiências pessoais (Padilla Peralta, 2015a; 2015b).

Voltando a nosso projeto pedagógico, a aplicação deste fundo teórico foi compreendida de formas múltiplas. Em primeiro lugar, o longo período que nos separa da Antiguidade cria uma pronunciada distância cultural. Em segundo lugar, ao empregar uma perspectiva contemporânea aos temas abordados, os filmes e séries de TV produzem uma tradição um tanto fantasiosa, levando à coexistência de duas culturas da Antiguidade: uma que pode ser entendida a partir das análises de fontes por parte de acadêmicos e outra, anacrônica, forjada do zero à imagem do mundo moderno. Finalmente, à medida que se projetam debates contemporâneos na Antiguidade, estes são percebidos de maneiras diferentes por espectadores distintos: reações e análises podem variar dependendo da nacionalidade, posição no espectro político (grupos conservadores ou progressistas), e nível de conhecimento das realidades antigas (acadêmicos, indivíduos cultos ou o público geral).

A pesquisa dos estudantes sobre essas reações diferentes foi coletada em particular nas redes sociais e em diversos espaços virtuais de troca de mensagens. Ela forneceu diversos achados e informou nossas discussões seguindo a apresentação de alguns dos excertos mais representativos de cada um dos trabalhos selecionados. Ao longo do primeiro ano do projeto, o feedback da pesquisa dos estudantes foi particularmente esclarecedor em relação a quais questões provocavam mais reações; por outro lado, também mostrou que as próprias reações foram fantasiadas por uma audiência que obviamente não havia assistido a série que estava criticando. Deste modo, os estudantes ganharam um entendimento muito claro em relação aos perigos ideológicos das redes sociais, às *fake news* e à manipulação.

No segundo ano do projeto (2020), sem a possibilidade de exibir filmes na sala de aula da Universidade, cada grupo de quatro ou cinco alunos teve a liberdade para escolher uma peça artística contemporânea (seguindo uma definição ampla) para apresentá-la e comentá-la para a turma. As escolhas foram variadas, incluindo um maior número de filmes, mas também uma pintura e uma banda de metal rock.

### **Recepção Clássica: uma breve visão geral**

O projeto pedagógico foi concebido como um experimento no crescente campo de recepção clássica, que se desenvolveu entre os acadêmicos como meio de despertar o interesse dos estudantes pela Antiguidade

(cf. Martindale, 2006). Desde o início, um dos principais propósitos dos Classicistas ao estudar recepção era pedagógico: ganhar a atenção dos estudantes dessa maneira, e depois, por meio da análise das recriações do passado antigo, fazendo-os aprender sobre gregos e romanos. Os benefícios desta abordagem receberam maior reconhecimento recentemente. Por exemplo, a Oxford University Press publicou uma série de volumes sobre recepção clássica em literatura inglesa<sup>3</sup>, capítulos sobre recepção foram incluídos em muitos de seus manuais universitários<sup>4</sup>.

O estudo da intertextualidade e da tradição (cf. Hobsbawm; Ranger, 1983) não é novo: pode-se recuar até alguns escritores gregos clássicos quando se consideraram herdeiros de prestigiosos autores mais velhos e inventaram versões diferentes de contos ou mitos conhecidos<sup>5</sup>. Da mesma forma, não é necessário que nos alonguemos novamente na longa sucessão de usos e abusos do passado clássico ao longo das eras históricas (cf. Finley, 1975; Momigliano, 1990; Mignolo, 1992; Da Silva, 2007). Também são bem documentadas as críticas da opinião comum de que nosso presente é uma forma de herança linear da Antiguidade clássica, e à abordagem historiográfica da criação de uma Grécia antiga fantasiosa e idealizada (entre outros, ver Bernal, 1987; Vlassopoulos, 2007, embora suas críticas ainda estejam em debate.).

Os estudos em recepção inovam ao enfatizar a distância entre a mensagem original e sua recriação posterior, além do uso instrumental do passado criando novos significados (cf. Hartog; Revel, 2001; Da Silva; Funari; Garraffoni, 2020). Além desta abordagem crítica, a recepção clássica também tem ampliado seu escopo passando a considerar também formas de mídia e cultura popular, como filmes (cf. Apostol; Bakogianni, 2018), música, quadrinhos, vídeo games, etc.<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> <https://global.oup.com/academic/content/series/o/oxford-history-of-classical-reception-in-english-literature-ohcrel/?lang=en&cc=fr>.

<sup>4</sup> Entre outros, ver a série *Classical Receptions*, da editora Blackwell Publishing: <https://www.wiley.com/en-us/Classical+Receptions-c-2437>.

<sup>5</sup> Abundam exemplos de tais casos, desde historiadores afirmando continuar os trabalhos de um predecessor, como Xenofonte que começa sua obra *Hellenica* (1,1,1) como a continuação do trabalho incompleto de Tucídides ("Depois disso, não muitos dias mais tarde"), a tragediógrafos que inventaram versões alternativas das lendas homéricas, como em *Helena*, de Eurípedes, na qual a personagem título vai para o Egito em vez de Tróia.

<sup>6</sup> Boa parte da discussão se dá por meio de canais paralelos à Academia formal, especialmente em blogs e websites *Eidolon* (<https://eidolon.pub/>), *SCS-blog* (<https://classicalstudies.org/scs-blog>), ou *Antiquipop* (<http://antiquipop.hypotheses.org/>), entre outros.

*Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 - 2021.1. p. 210-227.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13791

Quando consideradas a mídia e a cultura populares, a abordagem dos estudos de recepção não se apoia na autoridade de um único trabalho original. De fato, diversas recriações contemporâneas não são baseadas em um texto específico, mas em uma gama de textos e lendas. Alguns filmes utilizam lendas compiladas em obras diferentes, de várias épocas, dos períodos helenístico ou romano até o bizantino. Comumente, encontramos estas lendas por primeiro na literatura infantil ou em manuais escolares. Estas são por vezes utilizadas como fontes para roteiros, como provavelmente foi o caso com as duas versões de *Fúria de Titãs* (1981 e 2010). Algumas décadas atrás, M. Finley (1968) já havia notado que nossas leituras de Sófocles e das tragédias gregas é influenciada pela interpretação shakespeariana. No caso da recepção clássica nas telas, de maneira similar, assistimos os gregos e romanos sob as lentes dos livros infantis, filtrada a partir de nossas próprias memórias de contos de dormir para crianças. O que é exibido na tela é na verdade o resultado de uma longa rede de recepções múltiplas e sucessivas.

Por vezes, a Antiguidade apenas serve como pretexto para comunicar uma mensagem contemporânea, para roteiristas que possuem pouco conhecimento da Antiguidade e baseiam-se em um passado fantasioso e completamente recriado. Por exemplo, o filme *300* (2006, de Z. Snyder<sup>7</sup>) promove uma ideologia política altamente conservadora baseada num conjunto de valores espartanos imaginários (Bond, 2018). Em última instância, o filme é sobretudo a adaptação de um quadrinho: os antigos espartanos e Leônidas são representados como heróis de quadrinhos e a recepção clássica parece acidental, funcionando apenas como meio para tornar um herói ficcional mais aceitável para a audiência ao dar-lhe o nome de uma figura histórica da Antiguidade. A mesma mensagem poderia ser passada usando qualquer outro herói fundamentalmente bom e corajoso de qualquer quadrinho simples, com personagens em “preto e branco”, sem nuances de caráter.

Além disso, ao retratar a Guerra de Tróia, por exemplo, filmes não reinterpretam apenas a *Ilíada*, e sim invariavelmente contam a história que acontece antes e depois. O longo poema de Homero, deve-se salientar, cobre apenas cerca de 50 dias da contenda de Aquiles contra Agamenon em algum momento entre o nono e o último ano de uma guerra que durou 10 anos.

---

<sup>7</sup> Snyder dirigiu diversas adaptações de quadrinhos e narrativas de super-heróis em filmes: *Watchmen*, 2009; *Man of Steel*, 2013; *Batman v Superman: Dawn of Justice*, 2016; *Justice League*, 2017.

**Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 - 2021.1. p. 210-227.**

**DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13791**



Como resultado, a análise da recepção clássica no cinema propõe um acentuado desafio já que em muitos casos não houve adaptação de nenhum texto “original”. É, portanto, necessário tentar determinar com qual tipo de recepção se está lidando ao assistir alguma representação cinematográfica da Antiguidade.

### Clássicos nas telas e na universidade

Mídias televisivas e cinematográficas são as escolhidas para a discussão da recepção clássica. No primeiro ano de nosso projeto pedagógico, exibimos excertos das séries de TV *Troy: Fall of a City* (BBC e Netflix) e *Roma* (BBC e HBO) em um grande auditório universitário. Com a colaboração da associação estudantil, cujos membros distribuíram pipoca, pudemos recriar uma atmosfera agradável e semelhante à de um cinema, pensada para fomentar a imersão e a participação dos alunos. Todo o experimento e discussões foram guiados pelos dois professores coordenadores. Levando em conta a regra do ensino remoto que entrou em vigor no segundo ano (2020), fomos obrigados a nos adaptar: durante as duas primeiras sessões, apresentei uma perspectiva teórica da recepção clássica, escolhi duas figuras, Aquiles e Cleópatra, e analisei suas representações em diferentes filmes e series de TV. Posteriormente, durante as quatro sessões seguintes, pedi que se formassem grupos de quatro ou cinco estudantes e que eles escolhessem uma criação contemporânea para apresentar e discutir em sala de aula.

Para a sessão sobre Aquiles, limitei as comparações ao filme *Tróia* (dirigido por W. Petersen e lançado em 2004)<sup>8</sup> e a série de TV *Troy: Fall of a City* (criada por D. Farr e lançada na BBC e na Netflix em 2018).<sup>9</sup> Após apresentar aos estudantes o histórico em teoria da recepção clássica para além da questão básica da fidelidade em adaptações de textos antigos para o entretenimento contemporâneo,<sup>10</sup> o objetivo foi identificar e discutir a representação de questões do presente. A discussão central foi sobre a representação do herói principal, Aquiles.<sup>11</sup> No filme *Tróia*, o personagem foi interpretado pelo ator Brad Pitt, branco, loiro e estereotipicamente atraente e masculino; seu amado amigo Pátroclo é retratado de maneira

---

<sup>8</sup> Trailer: <https://youtu.be/UsqWKO1hdkY>.

<sup>9</sup> Trailer na Netflix: <https://youtu.be/NZxVghfY6dk>.

<sup>10</sup> Para um comentário sobre as falhas de fidelidade em relação às obras antigas, ver Trusty, 2018.

<sup>11</sup> Outras questões muito contemporâneas podem ser destacadas, como o papel político das mulheres (Hécuba e Helena) ou sua representação como loucas (Cassandra), imperialismo internacional e o tema da guerra.

*Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 - 2021.1. p. 210-227.*

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13791

muito distante da descrição presente na *Ilíada*, e é apresentado como um primo mais novo e frágil, sem qualquer tensão sexual. Apesar de alguns personagens troianos, como Heitor e Príamo, serem representados como homens virtuosos, todo o filme captura o ponto de vista grego e se foca de maneira mais intensa em Aquiles. Por outro lado, a série *Troy: Fall of a City*, adota o ponto de vista troiano: o personagem principal é Páris, não Aquiles. Mas uma personagem coadjuvante é particularmente controversa: o ator escolhido para Aquiles, David Gyasi, é um homem negro e seu amado Pátroclo também o é (Lemogang Tsipa), além de ser mais velho, e uma cena em particular os mostra praticando sexo interracial a três com a escrava de guerra Briséis, interpretada por uma atriz branca (Amy Louise Wilson). O contraste entre as duas representações da personagem não poderia ser mais impactante.

O primeiro ano do projeto incluiu pesquisas dos alunos em relação às respostas à série com a personagem de Aquiles negro nas redes sociais. Eles descobriram que muitos apontaram que Aquiles não deveria ter pele negra (isto foi chamado de “blackwashing”),<sup>12</sup> mas raramente comentaram sobre sua relação homossexual com Pátroclo. Ainda menos pessoas apontaram que alguns deuses, como Zeus e Atena, são interpretados por uma atriz ou um ator africanos (Hakeem Kae-Kazim e Shamilla Miller) ou que Enéas também é interpretado por um ator negro (Alfred Enoch). Já que Aquiles é descrito como comparável aos deuses (*Ilíada*, 9, 485), faz sentido que ele e Zeus, o rei dos deuses, compartilhem algumas semelhanças físicas. O fato de que o Zeus negro foi menos mencionado sugere que a maior parte dos indivíduos que criticaram a série claramente não a assistiram e apenas reagiram à mera ideia de um ator negro interpretando um herói grego. Alguns estudantes, mesmo que entendessem o propósito de afirmar a diversidade e apoiar a reivindicação por direitos iguais, expressaram algum desconforto com a ideia de representar o Aquiles “loiro” (cf. *Ilíada*, 1, 197) como uma pessoa negra.

Do ponto de vista de um classicista, existe aqui uma ironia, considerando que Aquiles, assim como todos os heróis e deuses gregos, era constantemente representado na cor preta em vasos áticos arcaicos. Obviamente, a coloração preta era causada por conta do processo técnico quando vasos figurativos passavam pelo forno – a oxidação transformava a cor do verniz em preto – e não havia a intenção de representar um herói ou deus grego com a pele negra. Não obstante, artesãos utilizavam-se da possibilidade de aplicar pigmento branco em um vaso para diferenciar as cores de pele de algumas figuras: era comum utilizar pele branca para

---

<sup>12</sup> Para alguns comentários sobre o ponto de vista do criador e da equipe da série de TV, ver Hughes, 2018 e Clarke, 2018.

representar mulheres, enquanto homens costumavam continuar em preto. Um ótimo exemplo disto pode ser visto na ânfora ática de figuras negras feita por Exekias, que retrata um Aquiles com a cor preta assassinando uma Pentésiléia branca.<sup>13</sup>

Passando do mito para a história, a representação de Cleópatra foi o segundo tema com o qual os alunos lidaram. Começamos retomando que nossa visão de Cleópatra é devida em maior parte a representação distorcida de Shakespeare em sua peça *Antônio e Cleópatra*, representada por volta de 1606 ou 1608 e publicada em 1623. Posteriormente, a versão interpretada por Claudette Colbert em *Cleópatra*, filme de 1934 dirigido por C. B. DeMille<sup>14</sup>, criou nossa imagem estereotipada da personagem histórica. Mais conhecida entre a audiência contemporânea, a interpretação de Elizabeth Taylor do papel título do filme de J. L. Mankiewicz, *Cleópatra* (1963),<sup>15</sup> baseou-se essencialmente no trabalho de Colbert para o papel. Ainda mais recente, a Cleópatra de Monica Bellucci na produção francesa de *Asterix & Obelix: Mission Cléopâtre* (dirigida por A. Chabat em 2002)<sup>16</sup> foi baseada nos mesmos estereótipos fictícios.

Uma representação diferente foi proposta por Lyndsey Marshal na série de TV *Roma* (criada por B. Heller, W. J. MacDonald e J. Milius, BBC e HBO, 2005-2007).<sup>17</sup> Uma preocupação com a precisão histórica é demonstrada: a atriz lembra, fisicamente, algumas imagens antigas de Cleópatra.<sup>18</sup>

---

<sup>13</sup> Essa é a representação na face A do vaso. As inscrições do vaso não deixam dúvidas da identificação da cena: AXIAEYΣ na frente de Aquiles e ΠΕΝΘΕΣΙΛΕΙΑ na frente de Pentésiléia. O vaso também é assinado pelo artista: Ἐχέκκιος ἐποίησε. British museum, 1836,0224.127. Ânfora ática de figuras negras feita por Exekias, datada *circa* 530-525 a.C., encontrada em Vulci (Itália). Imagens, descrição e referências bibliográficas: [https://www.britishmuseum.org/collection/object/G\\_1836-0224-127](https://www.britishmuseum.org/collection/object/G_1836-0224-127).

<sup>14</sup> Trailer: <https://youtu.be/Dhz00dsSrMk>.

<sup>15</sup> Trailer: <https://youtu.be/K5gIjthOya4>.

<sup>16</sup> Trailer: <https://youtu.be/DR1a7R5usts>.

<sup>17</sup> Cena com Cleópatra: <https://youtu.be/CKyDjOIT0is>.

<sup>18</sup> A principal fonte é o retrato em escultura atribuído à Cleópatra (Altes Museum, Antikensammlung Berlin, 1976.10: [https://arachne.uni-koeln.de/arachne/index.php?view\[layout\]=objekt\\_item&search\[constraints\]\[objekt\]\[se archSeriennummer\]=53322](https://arachne.uni-koeln.de/arachne/index.php?view[layout]=objekt_item&search[constraints][objekt][se archSeriennummer]=53322)). Ver também a tetrádracma de prata cunhada em Ascalon, Fenícia, com o retrato da rainha Cleópatra usando um diadema (British Museum, 1875,1102.3: [https://www.britishmuseum.org/collection/object/C\\_1875-1102-3](https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_1875-1102-3)); tetrádracma de prata cunhada na Síria (British Museum, TC,p237.1.CleMA: [https://www.britishmuseum.org/collection/object/C\\_TC-p237-1-CleMA](https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_TC-p237-1-CleMA)); impressão em selo com um retrato similar, Edfu, Alto Egito (Allard Pierson Museum, 8177.056).

*Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 - 2021.1. p. 210-227.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13791

Mesmo quando não há nenhuma identificação explícita, videoclipes de músicas de cantoras como Katy Perry (*Dark Horse*, 2013, dirigido por M. Cullen)<sup>19</sup> e Beyoncé (*Apeshit*, 2018, dirigido por R. Saiz)<sup>20</sup> são claramente inspirados por Cleópatra. Enquanto em *Dark Horse*, Katy Perry se baseia na representação mais famosa da personagem (a de Liz Taylor), Beyoncé busca realizar uma apropriação e uma revalorização de um ponto de vista africano. A referência de seu clipe à Cleópatra é mais sutil. Filmado no Louvre, *Apeshit* mostra uma variedade de obras de arte ocidentais, incluindo a *Mona Lisa*<sup>21</sup> de Da Vinci e uma esfinge egípcia.<sup>22</sup> Enquanto o clipe joga com o contraste entre bailarinas negras e as obras que retratam figuras brancas, a esfinge é a única peça de arte não-ocidental e africana retratada no vídeo, refletindo o propósito afro-americano de autoidentificação com um passado africano idealizado. Em sua tentativa de “decolonizar” a percepção contemporânea das obras de arte no museu mais famoso do mundo, o videoclipe cai em outro tipo de concepção equivocada e anacrônica do passado africano (egípcio).

Em seguida às duas aulas introdutórias, as escolhas e os comentários dos estudantes foram notavelmente variados. Nossos seminários à distância incluíram apresentações sobre diversos filmes (*Gladiador*, 2000, de R. Scott;<sup>23</sup> *Jogos Vorazes*, 2012, de G. Ross;<sup>24</sup> *Astérix et Obélix: mission Cléopâtre*, 2002, de A. Chabat; *Alexandre*, 2004, de O. Stone;<sup>25</sup> *300*, 2006, de Z. Snyder;<sup>26</sup> e *Tróia*, 2004, de W. Petersen), uma pintura (*Léonidas aux Thermopyles* de J.-L. David<sup>27</sup>), uma variedade de personagens (Héracles, Médée e o atleta Mílon de Crotona) e alguns temas menos esperados, como

---

<sup>19</sup> <https://youtu.be/0KSOMA3QBU0>. Ver comentário por Bièvre-Perrin, 2018a.

<sup>20</sup> <https://youtu.be/kbMqWXnpXcA>. Ver comentário por Bièvre-Perrin, 2018b; Acuff & Kletchka, 2020.

<sup>21</sup> Musée du Louvre, 779: <https://www.louvre.fr/oeuvre-notices/portrait-de-lisa-gherardini-epouse-de-francesco-del-giocondo>.

<sup>22</sup> Musée du Louvre, A23: <https://www.louvre.fr/oeuvre-notices/grand-sphinx-de-tanis>.

<sup>23</sup> Trailer: <https://youtu.be/owK1qxDsElE>.

<sup>24</sup> Trailer: <https://youtu.be/mfmrPu43DF8>.

<sup>25</sup> Trailer: <https://youtu.be/Bh6LKIdxqCU>.

<sup>26</sup> Trailer: <https://youtu.be/UrIbXk7idYA>.

<sup>27</sup> Musée du Louvre, 26080: <https://www.louvre.fr/oeuvre-notices/leonidas-aux-thermopyles>.

uma banda de metal rock (EX DEO<sup>28</sup>) e uma série de animação francesa (*50 Nuances de Grecs*<sup>29</sup>).

Suas descobertas foram, como de costume, muito variadas, mas alguns alunos produziram comentários de altíssima qualidade. Por exemplo, um grupo assinalou, de maneira convincente, as ideologias conservadoras de extrema direita subjacentes à representação de Esparta e da batalha das Termópilas (cf. Bond, 2018) em 300. Um episódio de *50 Nuances de Grecs*<sup>30</sup> tratava da gama de reações conservadoras contemporâneas a uma nova lei francesa de reprodução medicamente assistida de um modo tão explícito que facilitou consideravelmente a tarefa dos estudantes de analisar e desconstruir a recepção clássica.

Em alguns casos, a pesquisa apresentada pelos estudantes se mostrou ausente de uma visão crítica mais profunda. É certo que, de modo geral, o conhecimento sobre a Antiguidade diminuiu em anos recentes, após anos de cortes no orçamento da educação e à medida que as oportunidades de estudar grego ou latim no ensino médio se tornaram muito limitadas. Nossos alunos entraram na universidade tendo praticamente nenhum contato com as línguas ou a história da Antiguidade. Como resultado, os estudantes têm dificuldade em se livrar de concepções equivocadas comuns à contemporaneidade sobre os gregos e romanos. No entanto, e mais importante, possuindo conhecimento limitado sobre eventos atuais, os estudantes têm dificuldade a propor interpretações políticas mais profundas sobre as possíveis (e prováveis) intenções dos produtores, escritores e diretores que trataram de temas da Antiguidade, como a conquista da Ásia por Alexandre ou os heróis das forças aliadas gregas na Guerra de Tróia pouco depois da invasão estadunidense ao Iraque em 2003.

---

<sup>28</sup> Por exemplo, *I, Caligula*. Videoclipe da canção: <https://youtu.be/NSW01sWSPQY>. Ver uma análise sobre a recepção clássica no gênero musical de rock metal: Swist, 2019.

<sup>29</sup> Vídeos em: <https://www.arte.tv/fr/videos/RC-019877/50-nuances-de-grecs/>. A série de TV de animação se inspirou em um quadrinho de dois volumes: <https://www.dargaud.com/bd/50-nuances-de-grecs>.

<sup>30</sup> Episódio intitulado *PMA (procréation mythologiquement assistée* – Procriação Mitologicamente Assistida), um jogo de palavras com *PMA (procréation médicalement assistée* – Procriação medicamente assistida): <https://www.arte.tv/fr/videos/077330-028-A/50-nuances-de-grecs-saison-1-28-30/>. Sobre recepção clássica em animações, ver Sulprizio, 2020.

*Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 - 2021.1. p. 210-227.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13791

## Conclusão: a Antiguidade pode ser moderna para os estudantes

A primeira conclusão que se pode tirar deste experimento de ensino é que os estudantes têm dificuldades em compreender a interculturalidade entre nossa sociedade e os gregos ou romanos antigos. Por ouvirem constantemente que o mundo moderno é baseado na tradição clássica, os alunos tendem a olhar para a Antiguidade de maneira fantasiada ou anacrônica; eles tendem também a perceber personagens da Antiguidade ou como muito primitivas ou como antepassados próximos que inventaram a maior parte de nosso estilo de vida moderno. Enquanto até mesmo os acadêmicos abraçam a ideia do senso comum de que uma herança linear pode ser traçada entre a Antiguidade e a sociedade contemporânea, a abordagem da recepção clássica pode conscientizar sobre as múltiplas e sucessivas recriações do passado antigo, de uma maneira mais prática e visual do que esforços teóricos passados (cf. Finley, 1968 e 1975; Momigliano, 1990). Quando peças midiáticas recentes usam tais recriações do passado, a recepção clássica coloca este fenômeno em claro foco para as novas gerações de estudantes universitários.

O maior desafio para os alunos é sua falta de conhecimento tanto sobre a Antiguidade quanto sobre eventos da contemporaneidade. Deste modo, também têm dificuldade para captar mensagens com mais nuances e mais sutis, começando com a *Ilíada* e a Guerra de Tróia, que deve ser localizada em algum lugar entre a ficção e a realidade, já que nela figuram elementos de ambos. A *Ilíada* obviamente não é uma narração histórica, mas o poema contém elementos importantes que podem constituir uma fonte relevante para a escrita de uma história realista.<sup>31</sup> Todo comentário baseado na *Ilíada* deve por sua vez reconhecer que a fonte “original” como a conhecemos foi ela própria composta, e possui descrições, de diferentes períodos (por exemplo, tanto armas de bronze como de ferro são mencionadas).

Ademais, classicistas estabelecidos puderam vislumbrar escalas antigas de valores ao longo de suas carreiras e aprenderam empregar menos ênfase na busca contemporânea por fidelidade. De fato, ao longo da Antiguidade, autores gregos e romanos constantemente reinventaram lendas conhecidas, propondo versões diferentes e alternativas do mesmo mito.

---

<sup>31</sup> Existem incontáveis referências bibliográficas a respeito da *Ilíada* e do “contexto Homérico”. No entanto, desde Finley (1954), a maioria dos acadêmicos tendem a reconhecer o caráter misto dos poemas (*Ilíada* e *Odisseia*) e do contexto histórico representado neste “mundo de Ulisses”, mesclando lendas e descrições realistas de diferentes períodos, desde a Era do Bronze até a Era do Ferro Recente e a “Idade das Trevas”.

*Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 - 2021.1. p. 210-227.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13791

Como futuros historiadores cujo senso crítico ainda precisa ser apurado, os estudantes tendem a focar demais na conformidade das representações.

Apesar de tais obstáculos, que não são específicos apenas a nossos estudantes, a experiência proveu altas recompensas. A abordagem da recepção clássica se provou bem-sucedida em motivar os estudantes a aprofundarem seus conhecimentos de certos elementos da Antiguidade. Mais importante, a abordagem da interculturalidade nos permitiu conscientizar os alunos sobre o fato de que os antigos gregos e romanos eram povos com culturas diferentes em vez de serem simplesmente os antepassados fundadores da modernidade. Ao defenderem suas escolhas para os estudos de caso, os estudantes se aplicaram pessoalmente em seu trabalho e em suas próprias interpretações. Em última instância, os alunos foram confrontados com a necessidade de decifrar com criticidade alguns dos métodos do uso da Antiguidade para abordar questões contemporâneas na indústria do entretenimento.

Esses estudantes não mais assistirão gregos ou romanos nas telas a partir de suas memórias de livros infantis ou de Shakespeare. Esperamos que a partir de agora, assistam tais filmes a partir de uma lente crítica tipo finleyana.

## Referências

ACUFF, J.; KLETCHKA, D. C. Liberté, Egalité, Fraternité: A Black Feminist Analysis of Beyoncé Performing “APESHIT” in the Louvre. *The International Journal of the Inclusive Museum*, 13 (1), 2020, p. 13-36. <https://doi.org/10.18848/1835-2014/CGP/v13i01/13-36>.

APOSTOL, R.; BAKOGIANNI, A. (ed.). *Locating Classical Receptions on Screen: Masks, Echoes, Shadows*. Cham, Switzerland: This Palgrave Macmillan, 2018. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-96457-7>.

BAUMAN, Z.; RAUD, R. *Practices of Selfhood*. Cambridge, UK: Polity, 2015.

BENESSAIEH, A. Multiculturalism, Interculturality, Transculturality. In BENESSAIEH, A. (ed.). *Amériques transculturelles - Transcultural Americas*. Ottawa: University of Ottawa Press, 2010, p. 11-38. <https://doi.org/10.2307/j.ctt1ch78hd.4>.

BERNAL, M. *Black Athena: the Afroasiatic roots of classical civilization*. London: Free Association Books, vol. 1: *The fabrication of ancient Greece 1785-1985*, 1987.

*Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 - 2021.1. p. 210-227.  
DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13791

BIÈVRE-PERRIN, F. Divas pop, reines et déesses antiques : la référence à l'Antiquité dans la pop music des années 2000. In: BIÈVRE-PERRIN, F.; PAMPANAY, E. (ed.). *Antiquipop : La référence à l'Antiquité dans la culture populaire contemporaine* [en ligne]. Lyon: MOM Éditions, 2018a: <https://doi.org/10.4000/books.momeditions.3353>.

BIÈVRE-PERRIN, F. Jay-Z, Beyoncé & the Classics (Apeshit). *Antiquipop*, 2018b: <https://antiquipop.hypotheses.org/4097>.

BLANQUART, P. Nouvel individu et interculturalité. *Autres Temps. Les cahiers du christianisme social*, 10, 1986, p. 45-52. <https://doi.org/10.3406/chris.1986.1084>.

BOND, Sarah E. This Is Not Sparta. Why the Modern Romance With Sparta Is a Bad One. *Eidolon*, May 7, 2018: <https://eidolon.pub/this-is-not-sparta-392a9ccddf26>.

CLARKE, S. 'Troy: Fall of a City' Team Talk Casting and Diversity in the BBC and Netflix Epic. *Variety*, Feb 23, 2018: <https://variety.com/2018/tv/news/troy-fall-of-a-city-casting-diversity-bbc-netflix-1202707708/>.

CROCE, B. *Teoria e storia della storiografia*. Milano, 2011 [1941].

DERVIN, F. "I find it odd that people have to highlight other people's differences – even when there are none": Experiential learning and interculturality in teacher education. *International Review of Education*, 63, 1, 2017, p. 87-102. <https://doi.org/10.1007/s11159-017-9620-y>.

FINLEY, M. I. *The world of Odysseus*. London: Chatto and Windus, 1954.

FINLEY, M. I. *Aspects of antiquity: discoveries and controversies*. London: Chatto and Windus, 1968.

FINLEY, M. I. *The use and abuse of history*. London: Chatto and Windus, 1975.

HAMMOUCHE, A. Définir l'interculturalité par les situations, les rapports pratiques et symboliques. *Hommes et Migrations, Hors-série, L'interculturalité en débat*, 2008, p. 4-8. <https://doi.org/10.3406/homig.2008.4678>.

HARTOG, F.; REVEL, J. (ed.). *Les usages politiques du passé*. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2001. Nouvelle édition [en ligne], 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/books.editionsehess.13822>.

*Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 - 2021.1. p. 210-227.  
DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13791



HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (eds.). *The Invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

HUGHES, S. Enter the wooden horse. But this time the Trojans tell their side of fall of Troy. *The Gardian*, 27 Jan 2018: <https://www.theguardian.com/tv-and-radio/2018/jan/27/troy-fall-of-city-west-against-east-lovers-siege-homer-bbc-netflix>.

MARTINDALE, C. Introduction. Thinking Through Reception. In MARTINDALE, C.; THOMAS, R. F. (eds.). *Classics and the Uses of Reception*. Oxford: Blackwell, 2006, p. 1-13. <https://doi.org/10.1002/9780470774007.ch>.

MIGNOLO, W. D. The Darker Side of the Renaissance: Colonization and the Discontinuity of the Classical Tradition. *Renaissance Quarterly*, vol. 45, n. 4, 1992, p. 808-828. <https://doi.org/10.2307/2862638>.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *The Classical Foundations of Modern Historiography*. Berkeley: University of California Press, 1990.

PADILLA PERALTA, D. *Undocumented: A Dominican Boy's Odyssey from a Homeless Shelter to the Ivy League*. New York: Penguin Books, 2015a.

PADILLA PERALTA, D. From Damocles to Socrates. The Classics in/of Hip-Hop. *Eidolon*, 2015b: <https://eidolon.pub/from-damocles-to-socrates-fbda6e685c26>.

RAUTENBERG, M. L'intercultural, une expression de l'imaginaire social de l'altérité. *Hommes et Migrations*, Hors-série, *L'interculturalité en débat*, 2008, p. 30-44. <https://doi.org/10.3406/homig.2008.4681>.

ROLLINGER, R.; GUFLER, B.; LANG, M.; MADREITER I. (ed.) *Interkulturalität in der Alten Welt. Vorderasien, Hellas, Ägypten und die vielfältigen Ebenen des Kontakts*. Wiesbaden: Harrassowitz, 2010.

SAID, E. *Orientalism*. New York: Vintage, 1978.

Da SILVA, G.J. *História antiga e usos do passado. Um estudo de apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944)*. São Paulo: Annablume, 2007.

Da SILVA, G. J.; FUNARI, P. P.; SENNA GARRAFFONI. R. Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira. *Revista Brasileira de História*, v. 40, n. 84, 2020, p. 43-66. <https://doi.org/10.1590/1806-93472020v40n84-03>.

*Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 - 2021.1. p. 210-227.  
DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13791

SMOLCIC, E.; ARENDS, J. Building Teacher Interculturality: Student Partnerships in University Classrooms. *Teacher Education Quarterly*, v. 44, n. 4, 2017, p. 51-73. <https://www.jstor.org/stable/10.2307/90014089>.

SULPRIZIO, C. Cartoon Classics: The Trojan War in Modern Animation. *Antiquipop*, 2020: <https://antiquipop.hypotheses.org/eng/9185eng>.

SWIST, J. J. Why is Heavy Metal Music Obsessed with Ancient Sparta? *SCS-blog* [Society for Classical Studies' blog], Dec 27, 2019: <https://classicalstudies.org/scs-blog/jeremy-j-swist/blog-why-heavy-metal-music-obsessed-ancient-sparta>.

TRUSTY, D. A Classicist Reviews Troy: Fall of a City. *SCS-blog* [Society for Classical Studies' blog], Apr 15, 2018: <https://classicalstudies.org/scs-blog/debra-trusty/blog-classicist-reviews-troy-fall-city>.

VLASSOPOULOS, K. *Unthinking the Greek polis: ancient Greek history beyond Eurocentrism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

WHITE, B. Interculturalité. *Anthropen.org*. Paris, 2018. <https://doi.org/10.17184/eac.anthropen.082>.